

DOI: 10.46943/IX.CONEDU.2023.GT08.013

ENTRE O NOSSO E O DA GENTE: UMA ABORDAGEM FUNCIONAL DO PRONOME POSSESSIVO DE PRIMEIRA PESSOAL DO PLURAL

GAYLHA WÉGILA DE OLIVEIRA

Mestranda em Linguística na Universidade Federal da Paraíba - UFPB, gwegila@gmail.com;

RESUMO

Com a inserção do você e a gente no quadro dos pronomes pessoais, houve, nos termos de Faraco (2006), um rearranjo no sistema pronominal, modificando o pronome em sua posição de sujeito e em função de complemento, como nos possessivos e oblíquos. Para os possessivos de 1ª pessoa do plural, temos no português brasileiro, duas representações: nosso (a) e da gente. Assim, este artigo tem por objetivos 1) analisar o comportamento sintático e morfológico dos pronomes possessivos citados e 2) refletir sobre a relação entre esses usos e o ensino de língua portuguesa. Os dados, retirados do corpus D&G, se compõem de 5 gêneros textuais diferentes em suas versões orais e escritas. Foram quantificadas todas as ocorrências do pronome de 1ª pessoa do plural, nos textos selecionados e realizados comparativos quanto à frequência e contextos de uso. Como referenciais teóricos, nos respaldamos em estudos de Faraco (1996) e de Lopes (2007) que descrevem as mudanças no comportamento dos pronomes, bem como nas reflexões teóricas de Abraçado (1991), Omena (1998) e Rocha (2009) no que se refere à mudança no comportamento dos possessivos. A análise confirma uma tendência à variação no uso dos pronomes. O uso do “da gente” em lugar do “nosso/nossa”, vem ganhando espaço no PB, especialmente em contextos mais informais, com maior tendência entre os mais jovens. Portanto, formas não prescritas pela GT estão presente nos usos e precisam ser descritos em contextos de análise linguística e de ensino de língua materna.

Palavras-chave: Funcionalismo, Pronomes Possessivos, Mudança Linguística, Ensino.

INTRODUÇÃO

A língua se transforma ao longo do tempo, e essas mudanças são motivadas pelo contexto de uso e pelas necessidades comunicacionais dos falantes. Dentre esses processos de mudança está a gramaticalização¹, processo através do qual itens passam a assumir funções gramaticais diferentes, em determinados contextos, ou partem de um *continuum* de menos gramatical para mais gramatical, recuperando o pensamento de Meillet (1912), primeiro a utilizar e conceituar o termo gramaticalização. (MARTELOTTA et al. 1996, p. 46). Compreender essas mudanças é fundamental para uma correta descrição do português e traz um entendimento amplo do seu funcionamento.

Diante disso, objetivamos analisar o comportamento sintático e morfológico no uso dos pronomes possessivos *nosso (a)* e *da gente* e refletir sobre a relação entre esses usos e o ensino de língua portuguesa. Partimos da hipótese de que o termo *a gente* e, conseqüentemente, o termo *da gente* vem ganhando força, especialmente entre os mais jovens, tanto em contextos de língua falada, quanto de escrita.

A inserção do termo *a gente*, no quadro dos pronomes, motivou a utilização da forma possessiva *da gente*, criando-se uma forma alternativa de possessivo de primeira pessoa do plural que ocorre em concorrência à forma prototípica, destacando-se na língua falada, conforme estudado em Omena (1996). Essa transformação na forma possessiva de primeira pessoa do plural é resultado, segundo o autor, da inserção do *você* no quadro do sistema pronominal do português, que levou a uma reestruturação e trouxe conseqüências posteriores como a inserção da forma *a gente* e diversas outras variações, também nos pronomes complementos. Além dele, estudos como o de Lopes (1999) reafirmam essa hipótese através da explicação do processo de gramaticalização sofrido pela forma *a gente*.

Sobre o processo de gramaticalização do termo *da gente*, Rafael (2010), afirma que há indícios de uma herança lexical do nome (substantivo) "*gente*" para o pronome "*da gente*" em contextos semânticos que designam um grupo de pessoas, indeterminação e generalização. Além disso, teria ocorrido uma co-indexação e reanálise estrutural no eixo sintático que resultou na mudança de função: de pronome

1 Vale ressaltar que a gramaticalização não resulta no preenchimento de uma lacuna no sistema linguístico, visto que duas ou mais formas com funções similares podem coexistir em um determinado momento, com diferenças pragmáticas que podem ou não ser claras. (Hopper & Traugott, 2003).

pessoal para pronomes possessivos. Em relação ao aspecto semântico o autor menciona o traço de 1ª PP na forma **da gente**, mas especificamente função dêitica de primeira pessoa.

Para a compreensão dessa variação, neste estudo, foi realizada uma análise quantiquantitativa. Inicialmente, foram quantificadas as ocorrências do item **da gente** e **nosso**, nos diferentes gêneros apresentados no **corpus**. A partir da quantificação, buscou-se compreender os elementos motivadores dessas ocorrências e preferências de uso. As variantes analisadas seguiram o padrão apresentado nos dados: o **corpus** se divide em falantes de vários níveis, mas para esse estudo nos detemos nos falantes de nível superior, nível médio, e no fundamental, especificamente na 8ª série². Ele está organizado nas seguintes subcategorias: sexo (feminino e masculino), tipo de texto (língua falada e língua escrita) e variação na faixa etária. Entretanto, para este estudo, focaremos na categorização dos dados a partir do nível de escolaridade. Quanto aos gêneros observados no **corpus**, foram utilizados todos os gêneros dispostos: Narrativa de experiência pessoal, narrativa recontada, descrição de local, relato de procedimento e relato de opinião.

Isto posto, este trabalho está assim estruturado: na primeira seção, apresentaremos o percurso de gramaticalização dos pronomes, partindo dos pronomes sujeito (**você e a gente**) até os possessivos; na segunda, abordaremos os possessivos, partindo de uma visão da gramática tradicional a uma visão funcionalista; na seção seguinte, serão feitas reflexões sobre o impacto dessas mudanças na língua e como elas devem ser abordadas nas aulas de língua portuguesa; na quarta, serão apresentados os dados do estudos e, a partir desses dados, feitas reflexões com respaldos nas teorias apresentadas, e, por último, apresentaremos as considerações finais.

2 A análise dos dados desse estudo foi organizada principalmente em relação ao grau de escolaridade por partimos do princípio que quanto mais monitora a linguagem menor a ocorrência de termos variantes. Assim, acreditamos que o uso do **da gente** será mais significativo, quantitativamente, nos textos de menor grau de escolaridade. Porém, não utilizamos os textos da 4ª série e alfabetização por serem textos muito curtos que não contemplava as formas em análise.

COMPREENDENDO O FENÔMENO LINGUÍSTICO QUE PROPOMOS ANALISAR

A seguir serão apresentadas discussões teóricas que sustentarão a análise dos dados desse estudo. Assim, conheceremos percurso de gramaticalização dos termos *a gente* e *da gente*, além de nos debruçar sobre conceitos relativos aos pronomes de primeira pessoa do plural, a partir de diversos olhares e compreensões.

O PERCURSO DE GRAMATICALIZAÇÃO DO TERMO A (DA) GENTE

Não é consensual a definição sobre o conceito de gramaticalização. Alguns conceituam gramaticalização como “[...] a passagem de uma palavra autônoma à função de elemento gramatical.” (MEILLET, 1912, p. 131). Entretanto, Gonçalves *et al.* (2007) reflete sobre os conceitos do termo e discute que nem sempre a classificação deste é tão clara. Segundo o autor, para alguns, gramaticalização pode ser *paradigma*, quando “[...] focaliza a maneira como formas gramaticais surgem e são usadas” e, para outros, pode ser *processo*, “[...] se se detiver na identificação e análise de itens que se tornam mais gramaticais”. (GONÇALVES *et al.*, 2007, p. 14).

Lopes (2007) compreende a inserção dos itens *você* e *a gente* como motivadora de uma série de repercussões gramaticais em diferentes níveis. Essa inserção trouxe, segundo a autora, alterações nas outras subcategorias pronominais (possessivos, oblíquos átonos e tônicos). Traçando um histórico no processo de gramaticalização do termo *a gente*, a autora declara que este item se originou do substantivo *gente* e que, “[...] ao assumir, em certos contextos discursivos, determinadas propriedades, valores e funções, passou a fazer parte de uma outra classe/categoria”. Trata-se, pois, de um caso de gramaticalização. (LOPES, 2007, p. 50).

A autora supracitada destaca que, na gramaticalização do termo *gente* para *a gente* (*gente* > *a gente*), nem todas as propriedades formais foram mantidas, tampouco todas as propriedades de pronomes foram incorporadas pelo termo gramaticalizado. Nesse sentido, defende que “A forma gramaticalizada mantém do termo *gente* o traço formal de 3ª pessoa do singular, embora acione uma interpretação semântico discursiva de 1ª pessoa do plural” (LOPES, 2007, p. 52). Para uma melhor compreensão desse processo, o quadro a seguir, retirado de Lopes (2007), resume as principais mudanças sofridas no processo de gramaticalização do termo *a gente*:

Quadro 1 – Traços morfo-semânticos de gênero, número e pessoa de gente e a gente

Traços		Gente	A gente
Número	Formal semântico	[∞PL]	[-p] [+PL]
Gênero	Formal semântico	[+fem] [∅FEM]	[∅fem] [∞FEM]
Pessoa	Formal semântico	[∅eu] [∅EU]	[∅eu] [+EU]

Fonte: (Lopes 2007 *apud* Lopes 2003).

Podemos observar, no quadro acima, a perda do traço do plural. **Gente** como substantivo ocorre em singular e plural e, como pronome, passa a ocorrer formalmente apenas como singular, embora sua referência semântica seja de plural. Ocorreram, também, conforme o quadro 1, alterações nas especificações de gênero. O substantivo **gente** não impõe restrições quanto ao sexo dos referentes, uma vez que se refere a um grupamento de pessoas [+genérico]. A partir do seu processo de pronominalização, a forma **a gente** pronominal também não apresenta gênero formal, mas apresenta subespecificação semântica quanto ao gênero: admitindo referência a ambos os gêneros (feminino e masculino), a depender do contexto de uso. Assim, “[...] a especificação positiva de gênero formal [+fem] do substantivo desaparece, tornando-se neutra ([∅fem])”. (LOPES, 2004, p. 56).

Em relação ao traço pessoa, no seu processo de gramaticalização, a forma **a gente** manteve o traço formal de 3ª pessoa do discurso. Porém, em termos de pessoa semântica, passa a assumir a 1ª pessoa do plural, pois engloba a pessoa que fala e a pessoa com quem fala. Assim, nos termos de Lopes, passa de um traço [-EU] a um traço [+EU], representando nos termos da autora, um “eu-ampliado. Ela afirma que essa mudança pode ser referendada por dois indícios sintáticos: a concordância verbal com P4, frequente no português não padrão, e o a correferência pronominal com nosso(s)/nossa.

Araújo (2005), ao tratar das formas possessivas de 1ª pessoa do plural, no português falado em comunidades rurais afrodescendentes, elege 3 formas: **nosso (a), da gente e de nós**. Nos dados apresentados em seu estudo, a forma que menos se destaca é **de nós**, revelando uma grande concorrência entre as formas **nosso (a)** e **da gente**. Entretanto, estudos como o de Omena (1996) e Neves (2000) revelam que a forma prototípica “**nós**” é a mais utilizada em contextos urbanos.

Em relação aos aspectos da gramaticalização, Hopper e Traugott (1993) classificam as etapas de mudança em **camadas**. Em outros termos, uma camada coexiste com a outra, como é o caso das formas em tela. A nova forma não substitua

a antiga forma, mas são usadas pelo falante, concomitantemente. Em relação aos princípios da gramaticalização, identifica-se o princípio da persistência nos traços das formas analisadas. A *gente* manteve a referência indeterminada e genérica na maioria dos usos, conforme ocorre com o substantivo *gente*. Essa característica se estende a forma genitiva *da gente*.

A seguir, apresentaremos diferentes olhares, classificações e perspectivas em relação aos possessivos e mostraremos como chegamos a uma classificação de possessivo de primeira pessoa que contempla a forma *da gente*.

PRONOMES POSSESSIVOS DE PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL: DIVERSOS OLHARES

A classificação tradicional do possessivo de primeira pessoa do plural no PB é unânime e uniforme: classifica-se o item *nosso* (a), *nossos* (a) como possessivo de 3ª PP. Bechara (2010) apresenta um quadro representativo que confirma a concordância com essa classificação. É certo que o autor, sequencialmente, traz uma discussão sobre a mistura de pessoas (2ª e 3ª) e a confusão gerada pelo rearranjo pronominal apresentado por Faraco (1996), mas contempla uma classificação tradicional dos possessivos.

Para Cunha e Cintra (2016), os possessivos indicam “[...] os que lhes cabem ou pertencem” (CUNHA E CINTRA, 2016, p.?). O autor afirma que os possessivos apresentam três séries de formas: uma forma para cada pessoa do discurso (1ª, 2ª e 3ª). Essas variam em número, gênero e pessoa. Desse modo, quanto à primeira pessoa, as formas, *meu, minha, meus, minhas*, corresponde a 1ª pessoa do singular, *nosso, nossa, nossos e nossa*, a 1ª pessoa do plural. O autor ainda menciona que os possessivos “acrescentam à noção de pessoal gramatical uma ideia de posse”. (CUNHA E CINTRA, 2016, p. 333). Em relação à noção morfológica e sintática, o autor supracitado acrescenta sobre os possessivos: “São, de regra, pronomes adjetivos, equivalentes a um adjunto adnominal antecedido da preposição de (de mim, de ti, de nós, de vós, de si)”. (CUNHA E CINTRA, 2016, p. 333).

Ao tratar desse assunto, Monteiro (1994) discute que os possessivos se referem a mais de uma pessoa, gerando ambiguidades, e essas ambiguidades são, em parte, responsáveis pela introdução de formas genitivas para expressar a ideia de posse (dele, de vocês, da gente). Essas formas, segundo o autor, estão modificando

profundamente os possessivos, com a introdução de formas alternativas aos pronomes previstos pela tradição.

Para compreendermos essa mudança no possessivo de 1ª PP³, temos que contemplar todo o percurso. Monteiro (1994, p. 207) explica que, inicialmente, deu-se a alternância entre as formas *dele* e *seu*, motivada pela redução na ambiguidade no discurso, já que com o uso da forma *seu* “o referente tanto pode ser da segunda pessoa como da terceira”, além de servir tanto para a singular quanto para o plural. Embora seja empregada com bastante frequência, a forma *seu*, segundo o autor, não foi totalmente eliminada com o uso para a terceira pessoa; assim, ambas as formas são usadas com essa função.

Além dessa transformação, o desaparecimento da forma *vosso(a)* e a sua completa substituição pela forma *de vocês*, assim como acontece com o pronome *você*, na posição de sujeito, remete à segunda pessoa, mas mantém à terceira em sua morfologia. Além dessa alteração de pessoa do discurso, essa forma concorda apenas em número com o possuidor, não realizando a concordância de gênero, comum às formas sintéticas.

Fenômeno gramatical idêntico ocorre com a relação de uso entre *nosso(a)* e *da gente*. Sendo assim, entendemos que “Para criar um paralelismo, a relação atributiva de posse associada a essas formas [...] consta com a expressão *da gente*.” (MONTEIRO, 1994, p. 209). Em relação aos paralelismos entre os pronomes sujeito e possessivo, o autor supracitado identificou pelo menos 4 combinações: *nós e nosso*; *nós e da gente*; *a gente e nosso* e *a gente e da gente*. Porém, esses usos são, “esporádicos, ... já que o sujeito aparece em outras pessoas”. (MONTEIRO, 1994, p. 210). Em termos de concordância, “[...] ao contrário de *nosso*, que concorda em gênero e número com o objeto possuído, *da gente* é invariável, e, portanto, a ideia de plural é expressa pela noção de coletividade.” (MONTEIRO, 1994, p. 210).

Após todas essas observações, Monteiro (1994) reflete sobre a instabilidade do sistema pronominal e declara que “os possessivos tentam sobreviver num equilíbrio entre duas forças: a conservadora e a inovadora”. (Monteiro, 1994, p. 210-211). E classifica os possessivos em formas sintáticas (as tradicionais) e formas analíticas (as que foram surgindo com o uso).

A variação entre *nosso* e *da gente* também foi analisada por Abraçado (1991). Esse estudioso, descreve a reestruturação do sistema pronominal no dialeto carioca

3 PP = pessoa do plural

e as mudanças que envolvem esse sistema na maioria dos dialetos brasileiros. Para ele, o português brasileiro sofre a ação de duas tendências: tendência à redução das desinências pessoais das formas verbais e tendência à preservação de uma harmonia de traços entre o verbo e seu sujeito. Para o autor, a atuação conjunta dessas tendências tem participação efetiva no processo que envolve a reestruturação do sistema pronominal.

O autor ainda explica que, a partir daí, aconteceria uma série de mudanças que não fugiriam à razão principal: o desuso de *o/a/lhe* e *os/as/lhes* teria como causa a ação conjunta dessas duas tendências, uma vez que *você* e *vocês*, passaria a representar mais uma possibilidade de referência, levando à ambiguidade aqueles pronomes-complemento que se viram obrigados a servir às segundas e às terceiras pessoas do singular (*o/a/lhe*) e do plural (*os/as/lhes*). Além disso, a ambiguidade que se apoderou dos pronomes-complemento referidos anteriormente pelo mesmo motivo e nas mesmas circunstâncias atingiu também o possessivo de terceira pessoa, provocando uma reorganização no subsistema de pronomes possessivos, que resultou na utilização exclusiva de *seu(s)/sua(s)* para a 2ª pessoa do singular, enquanto que na 3ª pessoa do singular, 2ª pessoa do plural e 3ª pessoa do plural passou-se a empregar *dele(a)*, *de vocês* e *deles(as)*. Mudanças já citadas por Monteiro (1994) como percurso que culminou em usos de formas genitivas para expressar ideia de posse.

Sobre essas mudanças, o único sistema a se manter inalterado é o da 1ª pessoa do singular. Os demais foram ou estão sendo atingidos por mudanças linguísticas que (com exceção das terceiras pessoas) se iniciam na função de sujeito, alcançando outras funções, como é o caso dos possessivos, analisados nesse estudo.

Isto posto, compreende-se que esse processo de mudança nos possessivos está em percurso. As formas genitivas que expressam posse são usadas com maior ou menor frequência a depender do contexto. Em contextos de língua falada, destaca-se a forma genitiva enquanto em contextos de língua escrita ainda se realiza preferencialmente a forma ***nosso/nossa***. Apesar da mudança em curso, devemos nos questionar se a escola está contemplando discussões pertinentes sobre esse fenômeno da língua, e identificar se os estudantes conseguem ter acesso a esses apontamentos, compreender minimamente que a língua se transforma e não pode haver uma classificação fechada e engessada.

Como as gramáticas tradicionais trabalham uma visão canônica e estática dos pronomes de maneira geral e, conseqüentemente, dos possessivos, apresentam classificações fechadas e estáticas sobre esses itens, entretanto, o que se observa no uso é uma amplificação de formas servindo a funções já preestabelecidas. Essas modificações não são contempladas pela GT, pois são por elas classificadas como desvios ou erros.

Focar apenas em um ensino tradicional não atende as perspectivas de aprendizado do aluno pois não atende aos propósitos comunicativos da linguagem, pois como afirma Travaglia (2009, p. 17), "O ensino de língua materna se justifica prioritariamente pelo objetivo de desenvolver a competência comunicativa dos usuários da língua (falante, escritor/ ouvinte, leitor)".

Quando falamos em adequação da linguagem, pressupomos que esse usuário da língua conheça diversas formas que cumpram determinadas funções e, dentro de um contexto específico, utilize a linguagem de forma consciente, fazendo escolhas adequadas dentro das suas opções lexicais. Em outros termos, isso vai além de questões gramaticais ou da noção de certo e errado. Porém, mesmo diante de esforços normativos em manter os padrões, verificam-se usos inovadores desses termos. Para compreendermos de modo mais aprofundado, vejamos os dados a seguir.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, realizamos a análise dos dados, composto por 5 gêneros textuais, nas modalidades oral e escrita, retirados do *corpus* D&G, recorte da cidade de Natal. Incluímos nessa análise dados do pronome sujeito e seu respectivo possessivo, para possibilitar uma comparação e melhor compreensão das ocorrências e usos. As tabelas que serão expostas estão organizadas pelo grau de escolaridade do falante, por considerarmos uma variável importante que pode influenciar escolhas linguísticas. Vale ressaltar que não usamos o recorte completo da cidade de Natal, mas priorizamos nessa análise os dados dos informantes de nível superior, médio e informantes da 8ª série que representam os falantes de nível fundamental. Desse modo, inicialmente, citaremos ocorrências de sujeito e possessivos correspondentes nos informantes nível superior, na sequência nível médio e por último os informantes de nível fundamental. No desenvolvimento dessa análise, serão

expostas tabelas com as quantificações dos dados e trechos dos dados para uma melhor compreensão.

Em relação aos informantes de nível superior temos no corpus 2 informantes do sexo masculino e dois informantes do sexo feminino: (Carlos, Diva, Glislaine e Ítalo). Em relação à faixa etária desses informantes está entre 21 à 31 anos.

Em relação aos dados analisados há uma competição no uso entre *a gente* e o pronome prototípico nós. Sendo o percentual de uso do *a gente* de 51,03% enquanto o uso do nós, somando-se as ocorrências de *nós* expresso ou não expresso, de 48,97%. Temos, portanto, uma variação consolidada e bem estabilizada do *a gente* em relação ao nós, nos dados de fala. Em relação aos dados de textos escritos, não houveram ocorrências do item variante, por isso não estão expostas na tabela. Entretanto, nos deteremos neste estudo ao termo *da gente*, conforme observamos seu uso, em dados de falantes de nível superior, na tabela a seguir:

Tabela 1: Representação da 1ª pessoa do plural com função possessiva – Nível superior – Oral e escrito

POSSESSIVOS NA ORALIDADE - FALANTES DE NÍVEL SUPERIOR - Oral		
Gêneros	Ocorrência de nosso (a) (s)	Ocorrência de da gente
Narrativa de experiência pessoal	2	2
Narrativa recontada	1	0
Descrição de local	12	0
Relato de procedimento	6	2
Relato de opinião	8	2
Totais:	29	6
Percentuais	82,86%	17,14%
POSSESSIVOS NA ESCRITA - FALANTES DE NÍVEL SUPERIOR - Escrito		
Gêneros	Ocorrência de nosso (a) (s)	Ocorrência de da gente
Narrativa de experiência pessoal	4	1
Narrativa recontada	1	0
Descrição de local	1	0
Relato de procedimento	2	0
Relato de opinião	8	0
Totais:	16	1
Percentuais	94,12%	5,88%

Fonte: (elabora pela autora com base nos dados D&G)

Nos dados da tabela 1, visualizamos que o uso da forma possessiva *da gente* é bem menos expressivo que o uso da forma *a gente* que foi apresentada anteriormente. Se compararmos as ocorrências de *a gente* (sujeito) com *da gente* em função completiva, observamos que mesmo na modalidade oral, o possessivo *da gente* não ocorreu de forma tão expressiva. Um dado interessante é que apesar do percentual não tão elevado ele ocorre não só na modalidade oral, como na modalidade escrita, representando uma mudança em curso, mesmo que de forma gradual e mais recente que o uso do *a gente*. Vejamos alguns usos retirados do corpus.

1. “a sorte **da gente** foi que não passou nenhum carro na hora, apesar de ser um horário de muito trânsito” (Informante Carlos – Nível Superior – Narrativa de experiência pessoal – escrita). (D&G, 1998).
2. “hora de acordar ... hora de fazer leitura bíblica ... hora **da gente** ter os momentos de perguntas”. (Informante Glislaine – Nível superior – Narrativa de experiência pessoal – oral). (D&G, 1998).
3. “esse é o lado positivo **da gente** saber o que tá acontecendo do outro lado seja bom”. (Informante Ítalo– Nível superior Relato de opinião – oral). (D&G, 1998).
4. “tinha o Ório filho da Mira e Cristiane filha de uma amiga em comum **da gente**”. (Informante Ítalo– Nível superior Relato de opinião – oral). (D&G, 1998).

Nos exemplos acima expostos, conseguimos observar esse uso possessivo do termo *da gente*. Em (1), o falante poderia claramente, no lugar de usar a expressão “a sorte da gente”, ter usado a expressão: “a nossa sorte”. O informante Carlos fez essa escolha tanto na modalidade oral quanto na modalidade escrita. Uso relevante para o nosso estudo que parte da hipótese de que apesar de a modalidade oral ser mais representativa desses usos não padrões, e essas mudanças perpassam a modalidade oral e já começam a se realizar na modalidade escrita.

Em (2), (3) e (4) o uso do termo *da gente* se realizou em dados de textos orais. A informalidade da oralidade, consequência de um baixo monitoramento, é um fato determinante para uma maior quantidade de ocorrências da forma não prototípica. Esses usos que ocorrem, mas que ainda não de uma forma tão abrangente, da forma possessiva, *da gente*, foi observado por Neves (1993), em dados do projeto NURC. Além dela, Monteiro (1994), apesar de admitir a ocorrência do *da gente* em

função possessiva, discorre que essa forma ainda não parece ameaçar a existência do possessivo *nosso*. Também Omena (1996, p. 191) expressa opinião semelhante.

Os informantes do nível médio, observados nessa análise, se organizam no *corpus* da seguinte forma: dois informantes do sexo masculino e dois informantes do sexo feminino, Gerson, Gustavo, Rosemeire e Solange. Em relação à faixa etária está entre 16 a 19 anos.

O termo *a gente*, na posição de sujeito foi usado abundantemente, atingindo o percentual de 83,40% da representação da primeira pessoa do plural na posição de sujeito, na modalidade oral. Esse percentual foi bem acima dos dados dos falantes de nível superior, reforçando a hipótese que o fator idade é um fator determinante nestas escolhas, já que os jovens são os agentes de mudança também na língua. Em relação à modalidade escrita, os dados dos informantes nível superior não apresentaram ocorrência de *a gente*, enquanto nos dados de nível médio tivemos um uso percentual de 15,56%, conforme apresentado na tabela abaixo:

Em relação aos usos da forma possessiva, nos dados do nível médio, tivemos também uma maior ocorrência de usos do termo *da gente* na modalidade oral. Nos dados de textos escritos não foram observados usos desse termo, para os informantes de nível médio, por esse motivo não consta na tabela 2:

Tabela 2: Primeira pessoa do plural- função possessiva – Médio – Oral

TOTALS – TODOS OS INFORMANTES NÍVEL MÉDIO – ORAL		
Gêneros	Ocorrência de <i>nosso</i> (a) (s)	Ocorrência de <i>da gente</i>
Narrativa de experiência pessoal	8	3
Narrativa recontada	2	0
Descrição de local	0	0
Relato de procedimento	0	0
Relato de opinião	9	0
Totais:	19	3
Percentuais	86,36%	13,64%

Fonte: (elabora pela autora com base nos dados D&G)

Diante do exposto na tabela 2, e ao tratarmos de ensino de língua, não podemos desconsiderar que a língua apresenta diversas formas e cada forma pode assumir uma ou mais funções no uso. Precisamos facilitar para que o aluno domine um repertório linguístico completo e não veja as diversas possibilidades de uso e

variação como um erro condenável, visão muito associado ao pensamento da GT⁴. Nesse contexto, vejamos alguns exemplos retirados dos dados para uma melhor compreensão:

5. “o namoro **da gente** foi assim se defasando porque eu não podia sair com ele” (Informante Rosimeire – Nível Médio – Narrativa de experiência pessoal). (D&G, 1998).
6. “ou acontece alguma coisa na vida **da gente** que ... fica na nossa ... na nossa: passa assim uma experiência da nossa vida né”. (Informante Solange – Nível Médio – Narrativa de experiência pessoal). (D&G, 1998).

Nos dados acima expostos, percebemos que o gênero, narrativa de experiência pessoal facilita ocorrências do pronome pessoal, consequentemente facilita ocorrências tanto da forma **a gente** quanto da sua forma possessiva **da gente**. Lembrando que em relação ao paralelismo de pronome sujeito para pronome possessivo, pode ocorrer o par **da gente / nosso** como em (6). esse paralelismo foi mencionado no referencial desse estudo.

Em relação ao gênero narrativa de experiência pessoal, apresentou nos dados características de relatos de vivências, com o objetivo de documentar memórias passadas com o falante e outras pessoas envolvidas. Por isso, ele facilita a ocorrência dos dados desse estudo, pois é narrado em primeira pessoa, singular ou plural, expressando assim as experiências vividas.

Em (5) e (6) percebe-se claramente o uso possessivo do termo **da gente**. Em (5) “o namoro **da gente**” é facilmente pensado como “o nosso namoro” e m (6) “na vida da gente” é facilmente interpretado como “na nossa vida”. Não deixando dúvidas da função exercida pelo termo inovador, a de possessivo de 1ª pessoa do plural. Vale ressaltar que nos dados do ensino médio, todas as ocorrências do termo **da gente** se realizaram nos textos das informantes do sexo feminino.

A organização dos falantes da 8ª série também é dividida em 2 informantes do sexo masculino e dois informantes do sexo feminino. Emerson, Gerlândia, Lúcia e Vladimir. As idades dos informantes variam entre 14 à 17 anos. Em relação ao uso do pronome sujeito de primeira pessoa, nessa categoria tivemos um percentual de uso de 75,78% do termo **a gente** em relação a 24,22% da forma prototípica, para a

4 Gramática tradicional

modalidade oral. Em relação aos dados de escritos, foram observados usos com percentuais de 12,5% do termo **a gente**.

Entretanto, interessa-nos aqui a observação dos dados do possessivo. Vale ressaltar que na modalidade escrita também não ocorreram usos não prototípicos nesse nível de escolaridade. Entretanto, para os dados de língua oral, tivemos um crescimento surpreendente nos usos, com um percentual de 68,75% de usos do termo **da gente** para a forma possessiva. O que pode indicar que quanto menor a faixa etária e menor o grau de escolaridade e, portanto, de monitoramento, maiores as chances de ocorrência da possessiva inovadora. Vejamos os dados na tabela a seguir:

Tabela 3 - Representação da 1ª PP na função possessiva – Fundamental – Textos orais e escritos

TOTALIS - TODOS OS INFORMANTES NÍVEL 8ª série - ORAL		
	Ocorrência de nosso (a) (s)	Ocorrência de da gente
Narrativa de experiência pessoal	2	1
Narrativa recontada	0	0
Descrição de local	3	6
Relato de procedimento	0	1
Relato de opinião	0	3
Totais:	5	11
Percentuais	31,25%	68,75%

Fonte: (elabora pela autora com base nos dados D&G)

Esse grau de escolaridade foi o único que teve percentual tão representativo, além disso, nos dados dos níveis anteriores, a forma **da gente**, ocorreu principalmente nos gêneros narrativas de experiência pessoal e relato de opinião, pois são gêneros narrados essencialmente em 1ª P do plural ou singular, o que facilita essas ocorrências. Entretanto, nos dados de 8ª série tivemos um uso significativo no gênero descrição de local. Observemos as ocorrências nos dados para melhor compreensão:

7. “O banheiro **da gente** ... é ao lado da minha sala (Gerlândia – 8ª série – Descrição de local - Oral). (D&G, 1998).
8. “a festa **da gente** dia dezessete .do pessoal do ginásio” (Gerlândia – 8ª série – Descrição de local - Oral). (D&G, 1998).

9. “na sala **da gente** né ... funciona a quinta série” (Gerlândia – 8ª série – Descrição de local - Oral). (D&G, 1998).
10. “o homem que tocava pra ... pra família **da gente** ... porque agora quem tá tocando é” (Vladimir – 8ª série - Relato de procedimento - oral”). (D&G, 1998).
11. “o estudo **da gente** hoje em dia vale alguma coisa né” (Gerlândia – 8ª série – Relato de opinião – oral). (D&G, 1998).
12. “aí tinha um amigo **da gente** também ... tava com a menina” Lúcia – 8ª série – Relato de opinião – oral).

Representativos da ideia de posse, o termo **da gente**, nos exemplos acima, aponta para um crescimento desse termo na oralidade, em ambientes menos monitorados. Todos os usos dos exemplos representam a ideia de posse. Essa representação correlacionada a 1ª pessoa do plural pode ocorrer de forma definida ou indefinida dentro do contexto, assim como ocorre com a sua forma sujeito **a gente**. Podemos verificar um uso com referência indefinida em (11). “O estudo **da gente** hoje em dia vale alguma coisa. Nesse trecho, o informante faz uma reflexão sobre a importância de estudar e suas consequências positivas. Essa primeira pessoa, representa o informante + o ouvinte/ leitor que pode ser qualquer pessoa. Assim, temos um uso com referência genérica. Já nos outros exemplos acima, todas as referências são definidas, portanto, facilmente identificáveis no contexto, como é o caso do exemplo (7). Na fala da informante Gerlândia, “o banheiro **da gente**, referente ao banheiro das meninas da sala dela.

Portanto, como vimos, os dados confirmam a tendência de usos variados para a representação da forma possessiva de primeira pessoa do plural e que essas ocorrências de usos dependem dos contextos, dos falantes, do gênero, grau de escolaridade, idade e também da intenção do falante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa analisou o processo de mudança do item **da gente** sob uma abordagem sincrônica, levando em consideração a frequência de uso desse termo, bem como os contextos de suas realizações, nas modalidades oral e escrita, com o intuito de analisar o comportamento sintático e morfológico no uso dos pronomes

possessivos *nosso (a)* e *da gente*; além de refletir sobre a relação entre esses usos e o ensino de língua portuguesa.

No que diz respeito os usos da forma *da gente*, foi possível constatar que ocorre com mais frequência na modalidade oral, mas já aparece na modalidade escrita, comprovando ser uma mudança em curso. Além disso, apesar de considerarmos a forma possessiva *da gente* correlata a forma substantiva *a gente*, em termos quantitativos elas estão bem distantes. A forma substantiva com função sintática de sujeito tem maior expressividade de ocorrência, tendendo a substituir a forma prototípica, em alguns contextos de língua oral, como se deu nos usos dos informantes de nível fundamental. Constatou-se, pois, que as ocorrências em língua escrita ainda ocorrem com pouca frequência, por se tratar de um ambiente com maior grau de monitoramento.

Em relação ao ensino, para um melhor entendimento da forma de abordagem desses pronomes e suas variações em sala de aula, seria necessária uma pesquisa de campo ou de análise de livro didático, entretanto, devido aos recortes desse estudo, deixaremos esse aprofundamento para uma próxima oportunidade, mas, a partir dos autores citados nesse estudo, de cunho mais tradicional como é o caso de Cunha e Cintra (2016), revela-se uma tendência dogmática e rígida na perspectiva de um ensino prescritivo e são esses livros que a maioria dos professores têm acesso nas escolas.

Assim, a pesquisa aponta que o item *da gente* está em processo de gramaticalização, passando por mudanças que se iniciaram há muito tempo, desde a inserção do *você* no quadro dos pronomes, que repercute ainda hoje nessas recentes transformações da língua portuguesa. Em um contínuo de transformação, o termo *gente* perdeu e ganhou traços semânticos passando ao termo *a gente*, assim ganhou novos traços sintáticos, e morfológicos, mudando de função e assumindo novos papéis nesse processo de transformação, até assumir também a forma *da gente*, e ganhar a função de possessivo de 1ªPP.

REFERÊNCIAS

ABRAÇADO, M. J. de Almeida. Mudanças no sistema pronominal do português brasileiro: causas e consequências. 1991. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. Nova gramática do português contemporâneo. LEXIKON Editora Digital Ltda, 2016.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica (Org). Corpus Discurso & Gramática—a língua falada e escrita na cidade do Natal. Natal: EDUFRN, 1998.

HOPPER, Paul J.; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. Grammaticalization. Cambridge University Press, 2003.

LOPES, C. R. dos S. A gramaticalização de a gente em português em tempo real de longa e de curta duração: retenção e mudança na especificação dos traços intrínsecos. Fórum Lingüístico, Florianópolis, v. 4, n.1 (47-80), julho de 2004.

LOPES, CR dos S. Pronomes pessoais. Ensino de gramática: descrição e uso. São Paulo: Contexto, v. 1, p. 103-119, 2007.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZÁRIO, Maria Maura. Gramaticalização do português do Brasil: uma abordagem funcional. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, 1996.

MONTEIRO, José Lemos. Pronomes pessoais: subsídios para uma gramática do português do Brasil. EUFC, 1994.

OMENA, Nelize Pires de. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. In: SILVA, Gisele M. Oliveira; SCHERRE, Maria Marta. (Orgs.). Padrões sociolinguísticos: análises de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998. p.185-202.

RAFAEL, Noelma. O caso dos pronomes possessivos 'da gente' e 'nosso (a) (s)' sob uma abordagem sociofuncionalista: questões para o ensino. Departamento de Letras – UFRN, Natal – 2010.

ROCHA, Fernanda da Cunha Faria R672a A alternância nos pronomes pessoais e possessivos do Português de Belo Horizonte / Fernanda da Cunha Faria Rocha. Belo Horizonte, 2009.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1997.